



LAZER NA AMÉRICA LATINA: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL

Carolina Girola¹
Beatriz Freitas da Cunha²
Alcyane Marinho³

RESUMO: Com base na literatura científica sobre o lazer na América Latina, este ensaio teórico tem o objetivo de refletir sobre a realidade e a memória latino-americana, mediante uma compreensão cultural e decolonial do lazer nesse território. Para tanto, está organizado em dois subtópicos: Contextualizando a América Latina e Lazer na América Latina. Entendemos que o ensaio teórico seja uma apresentação reflexiva, a partir da interpretação dos pesquisadores, diante da literatura já existente sobre o tema. Uma vez que o lazer agrega particularidades históricas, socioeconômicas, políticas, culturais e étnico-raciais do contexto em que ocorre, tratamos do lazer na América Latina evidenciando a justiça social, na tentativa de buscar um diferente olhar, capaz de exaltar e manter a memória e a luta do povo colonizado. Ao voltarmos nossa atenção para os estudos decoloniais, enfatizamos a importância de dar visibilidade ao território e aos povos, que aqui viveram e vivem, legitimando seus saberes e experiências, especialmente na área do lazer e seu relevante papel no processo de transformação social.

Palavras-chave: Lazer; América Latina; Decolonialidade; Cultura.

LEISURE IN LATIN AMERICA: REFLECTIONS FROM A DECOLONIAL PERSPECTIVE

ABSTRACT: Based on the scientific literature on leisure in Latin America, this theoretical essay aims to reflect on Latin American reality and memory, through a cultural and decolonial understanding of leisure in this territory. To this end, it is organized into two subtopics: Contextualizing Latin America and Leisure in Latin America. We understand that the theoretical essay is a reflective presentation, based on the researchers' interpretation, in light of the existing literature on the topic. Since leisure brings together historical, socioeconomic, political, cultural and ethnic-racial particularities of the context in which it occurs, we deal with leisure in Latin America highlighting social justice, in an attempt to seek a different perspective, capable of exalting and maintaining memory and the struggle of the colonized people. By turning our attention to decolonial studies, we emphasize the importance

¹Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGCMH/UDESC). Pesquisadora do Laboratório de Pesquisa em Lazer e Atividade Física (LAPLAF/CEFID/UDESC/CNPq).

²Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGCMH/UDESC). Pesquisadora do Laboratório de Pesquisa em Lazer e Atividade Física (LAPLAF/CEFID/UDESC/CNPq).

³Doutora em Educação Física pela UNICAMP. Professora associada da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Lazer e Atividade Física (LAPLAF/CEFID/UDESC/CNPq).

of giving visibility to the territory and the people who lived and live here, legitimizing their knowledge and experiences, especially in the area of leisure and its relevant role in the process of social transformation.

Keywords: Leisure; Latin America; Decoloniality; Culture.

RECREACIÓN EN AMÉRICA LATINA: REFLEXIONES DESDE UNA PERSPECTIVA DECOLONIAL

RESUMEN: A partir de la literatura científica sobre la recreación en América Latina, este ensayo teórico pretende reflexionar sobre la realidad y la memoria latinoamericana, a través de una comprensión cultural y decolonial de la recreación en este territorio. Para ello se organiza en dos subtemas: Contextualizando América Latina y Recreación en América Latina. Entendemos que el ensayo teórico es una presentación reflexiva, basada en la interpretación de los investigadores, a la luz de la literatura existente sobre el tema. Dado que la recreación reúne particularidades históricas, socioeconómicas, políticas, culturales y étnico-raciales del contexto en el que se produce, abordamos la recreación en América Latina resaltando la justicia social, en un intento de buscar una perspectiva diferente, capaz de exaltar y mantener la memoria. y la lucha del pueblo colonizado. Cuando dirigimos nuestra atención hacia los estudios decoloniales, destacamos la importancia de dar visibilidad al territorio y a las personas que aquí vivieron y habitan, legitimando sus conocimientos y experiencias, especialmente en el ámbito de la recreación y su relevante papel en el proceso de transformación social.

Palabras clave: Recreación; América Latina; Descolonialidad; Cultura.

INTRODUÇÃO

Diversas áreas do conhecimento têm se apoiado em debates decoloniais, com vistas a incentivar investigações de abordagem contra-hegemônica, com movimentos que revelam a importância de entender as experiências vindas a partir do contexto latino-americano. Neste estudo, entendemos o conceito de hegemonia conforme pressuposto por Antonio Gramsci, no qual define como a dominação e a manutenção do poder por um grupo sobre classes dominadas através da persuasão de uma ideologia exposta como uma verdade para todos (Martins; Marteleto, 2019). Portanto, a contra-hegemonia é vista para a América Latina como uma maneira de transformar os povos originários e seus conhecimentos como protagonistas de sua história.

Historicamente a América Latina é reconhecida e marcada por seus fenômenos problemáticos, como desigualdade, pobreza, violência, racismo, entre outros (Maurício et al., 2021). No entanto, apesar de ter uma história marcada por aspectos negativos, os países que constituem a América Latina compartilham de elementos únicos e admiráveis, como a sua rica biodiversidade, recursos naturais, riqueza cultural e humana, bem como a existência de

grupos de origens diversas. Além disso, o contexto também é marcado por encontrar caminhos alternativos para superar os problemas enfrentados no cotidiano, os quais se pautam na solidariedade e no enfrentamento das desigualdades sociais (Gomes; Elizalde, 2012).

Valadão (2019) afirma que estas características históricas, sociais e econômicas que permeiam o contexto latino-americano, foram instauradas na região devido ao extenso processo de colonização europeia, que explorou e devastou intensamente o território com intuito de promover matéria prima e alimentos para o comércio mundial. Este processo histórico, marcado pela dominação, acaba por gerar influências em diversos âmbitos, como por exemplo, a colonialidade do saber, uma das formas de garantir o discurso hegemônico, que perpetua o jogo de poder que mantém as desigualdades socioeconômicas e geopolíticas do mundo (Gomes; Elizalde, 2012).

Os estudos do lazer se incluem nesta constatação, visto que as teorias que o permeiam, tradicionalmente, são constituídas, tradicionalmente, a partir de referenciais europeus, e entendidas como saberes universais. Nesta perspectiva, o paradigma hegemônico faz com que muitas experiências culturais de lazer, vivenciadas no contexto da América Latina, não sejam reconhecidas e valorizadas, além do fenômeno ser entendido como uma dualidade ao trabalho, reconhecido após o início da modernidade, ocultando assim outras formas de produção da vida existentes no mundo (Gomes; Elizalde, 2012; Maurício et al., 2021).

Para Luiz e Marinho (2021), o lazer se relaciona com a cultura, constituindo-se de acordo com o contexto em que está sendo vivenciado e, quando aliado aos direitos humanos, tem a capacidade de promover o exercício da cidadania e a emancipação social. Ele pode ser manifestado de inúmeras formas, e pode proporcionar questionamentos que influenciem nas estruturas sociais. Logo, é importante que as investigações nesta área sejam feitas a partir de um pensamento crítico, contrapondo-se epistemologicamente com a ideia do positivismo como única forma de conhecimento a ser aceito.

Partindo dessas considerações, concordamos com Maurício et al. (2021), ao enfatizarem a importância de se trabalhar com epistemologias alternativas que pensem o lazer a partir da nossa realidade, ao valorizar as lutas do povo colonizado e se preocupar com a justiça social. Para este ensaio teórico, foram adotados os pressupostos de Meneguetti (2011), compreendendo-o como uma apresentação reflexiva e interpretativa de julgamento individual dos próprios autores, tendo por base a literatura científica existente sobre os assuntos abordados. Assim, este ensaio tem o objetivo de refletir sobre a realidade e a memória latino-americana, mediante uma compreensão cultural e decolonial do lazer nesse território. Para

tanto, o presente ensaio está organizado em dois subtópicos interdependentes, sendo eles: Contextualizando a América Latina e Lazer na América Latina.

CONTEXTUALIZANDO A AMÉRICA LATINA

A compreensão do conceito de América Latina requer o entendimento sobre o próprio nome “América” que surge após o processo de colonização europeia. Porém, antes do desembarque dos europeus sobre esse território, este possuía diversos nomes designados pelos múltiplos povos originários deste continente, como Tawantinsuyu, Anauhuac, Pindorama e Abya Yala. Este último foi denominado pelo povo Kuna, habitantes do norte da Colômbia, e atualmente tornou-se uma expressão de resistência política-identitária dos povos originários deste continente (Porto-Gonçalves, 2011).

Após esse apagamento histórico, o termo América surgiu, em 1507, para homenagear Américo Vespúcio. Porém, até se tornar América, foi denominada pelos colonizadores de “Índias”, visto que por um erro de navegação acreditaram ter chegado à Índia, uma vez que não se conhecia a possibilidade de existência de outro continente além-mar. Após Américo Vespúcio constatar que Colombo estava enganado, passa-se a utilizar o termo “Novo Mundo”, em oposição ao continente europeu, denominado “Velho Mundo”. Contudo, mesmo após a mudança para “América”, o termo “Novo Mundo” foi utilizado por séculos, e isso se dá pela necessidade de afirmar a colonização europeia sobre este território, invalidando e apagando sua história anterior (Quental, 2013; Farret; Pinto, 2011).

Quando pensamos em América Latina vem à mente a ideia geográfica, aprendida na escola, de uma subdivisão do continente americano. Porém, esse conceito é muito mais profundo, com desencadeamentos políticos, econômicos e éticos que surgem em detrimento de conceitos e significados promovidos pelo mesmo continente (Quental, 2013). A origem do termo é questionável, no entanto, alguns autores, acreditam que apesar de ser formulada a ideia de América Latina, no século XIX na França, o aparecimento do termo na literatura foi utilizado por hispano-americanos que temiam o crescimento norte-americano sob o restante do continente e a proposta de criar uma união política se justificava nas heranças culturais partilhadas, como o idioma e a religião (Brandalise, 2013; Souza, 2011). Para Rosa, Amaral e Melo (2020), desde o surgimento do termo, o seu uso foi empregado de maneira pejorativa e negativa perante os países europeus e um dos fatores que contribuiu para que isso se perpetuasse, ao longo da história, foi desconhecermos as nossas origens e aceitar as origens europeias como nossas.

Ao longo de sua existência, a América Latina enfrenta um extenso processo de colonização, servindo como territórios de exploração de metais preciosos e produtos singulares (Valadão, 2019). Nesse processo de colonização, a ocupação europeia realiza uma dizimação dos povos originários latino-americanos e, através da escravização e castigos inumanos, perdem seus territórios e suas próprias culturas (CEPAL, 2015). Além da exploração dos povos indígenas, muitos países latino-americanos escravizaram povos africanos, aos quais era negado qualquer tipo de direito, tornando-se um povo vulnerável neste território (Suess; Silva, 2019).

Cabe ressaltar que, mesmo após a maioria dos países se tornarem independentes no século XIX, muitos deles continuaram servindo como produtores de matéria prima e alimentos para o comércio mundial durante o século XX (Valadão, 2019). Assim como denuncia Eduardo Galeano (2012), em seu livro “As veias abertas da América Latina”, em que expõe o panorama dos países latino-americanos frente ao abuso dos países europeus e norte-americanos, mostrando que, apesar de independentes, a exploração continua sob a bandeira do livre comércio. Este período vai ser marcado por uma nova desterritorialização dos povos indígenas. As empresas extrativistas e a execução de grandes obras civis embrenham-se por todo o continente, trazendo danos históricos e maiores vulnerabilidades a esses povos (CEPAL, 2015).

No século XXI, após enfrentar governos conservadores e ditaduras, em muitos países latino-americanos há uma ascensão de governos de esquerda, contrários ao neoliberalismo presente até os anos 1990 (Bueno, 2019). Esses governos adotaram a estratégia de desenvolvimento norteadada pelo Estado, em que o foco foi a política de distribuição, visando mudanças sociais e econômicas da grande maioria da população. Devido a essas transformações, os países latino-americanos tiveram um aumento do PIB e uma diminuição na pobreza e extrema pobreza (Calzavara, 2021).

No entanto, a partir de 2015, nestes países com governos de esquerda, há uma estagnação nesse modelo de desenvolvimento, e os governos não conseguem impulsionar a economia, principalmente decorrente dos problemas em torno do modelo de vida criado pelo desenvolvimento - como aumento da violência, poluição, degradação do meio ambiente - e do aumento da corrupção. Em decorrência desses problemas, em 2019, além da crise econômica, a América Latina enfrenta uma crise política, passando por um momento de muitas incertezas e ameaça à democracia conquistada no último século (Calderón; Castell, 2021). Importante ressaltar que, ao longo de todos esses séculos e ciclos que a América Latina enfrenta, os

povos originários resistem bravamente para manter seu território, sua cultura e sua identidade (CEPAL, 2015).

Atualmente, a América Latina é constituída por 33 países, entre eles o Brasil (Rosa; Amaral; Melo, 2020). Conforme Santos (2012), o Brasil por muito tempo não se aproximava da identidade América Latina, tanto por seu olhar focado nas questões internas do país quanto pelos projetos hispano-americanos de integração deste bloco não o aproximarem. O autor ainda reforça que a incorporação do Brasil à América Latina só deixa de ser um problema, a partir do século XX, após diversos acontecimentos, como a crise econômica de 1929 e as duas Guerras Mundiais, que forçam o Brasil a estabelecer mais conexões dentro do continente americano. Isto porque crises também são oportunidades para transformar civilizações (Luiz; Marinho, 2021).

No entanto, mesmo o Brasil participando deste conglomerado, até os dias atuais, muitos brasileiros não se sentem pertencentes à cultura latino-americana. Talvez por demorar a ingressar oficialmente neste grupo ou por não compreenderem a importância que a estrutura América Latina representa para todos os países colonizados e oprimidos no continente americano. Independentemente do motivo que desperta esse sentimento de não pertencimento às raízes latino-americanas, podemos observar suas consequências na produção de conhecimento de diversas áreas, assim como na produção de conhecimento na área do lazer.

LAZER NA AMÉRICA LATINA

Partindo do pressuposto que o conhecimento produzido é capaz de explicar a veracidade de um determinado tempo, lugar e contexto social, e que também é mutável, conforme as intenções de quem o produz (Gomes, 2011), conceituar Lazer na América Latina é uma tarefa complexa e, talvez, inatingível, visto que, embora os países possuam semelhanças, cada um é único em sua história, tornando-se um aglomerado de países com inúmeras culturas, vivências, valores e ideologias (Gomes; Elizalde, 2012). No entanto, apesar de serem únicos, estes países são marcados pela colonização e seus efeitos - como a desigualdade social, o racismo, o machismo, a homofobia - cuja maneira de ser e saber ainda está atrelada ao eurocentrismo (Suess; Silva, 2019). Por ainda manter essa relação com o colonialismo, há diversas minorias em situação de invisibilidade, como os negros, os povos indígenas e as pessoas LGBTQIAP+.

Conforme Gomes (2011), os estudos latino-americanos sobre lazer são influenciados e

baseados nos estudos europeus e norte-americanos. A autora, uma das principais pesquisadoras sobre a temática no Brasil, reforça que as teorias e os questionamentos podem ser suficientes para o contexto em que foram formulados, no entanto, para o cenário latino-americano, precisam ser interpretados com criticidade, pois se tornam insuficientes, surgindo, assim, uma urgência na produção de conhecimentos sobre o lazer que concilie tais singularidades históricas, socioeconômicas, políticas, culturais e étnico-raciais, compartilhadas pelos países da América Latina (Gomes, 2018).

Essa apropriação e supremacia de saberes advindos de países dominantes não é novidade, visto que o conhecimento nos países colonizados foi violentamente desapropriado e, com isso, houve um impacto na maneira de produção de novos saberes nesses territórios (Da Silva, 2019). Há poucos anos, novas teorias, denominadas estudos decoloniais, vêm fortalecendo e trazendo um novo olhar para a produção do conhecimento em países que foram subjugados (Aguiar, 2021). Este pensamento decolonial busca traçar um caminho epistêmico para além do conhecimento imposto como universal, ao compreender o mundo através de uma visão local e contra-hegemônica. Portanto, os estudos do lazer podem, a partir da produção do conhecimento da área, fortalecer os vínculos com a colonialidade ou podem desenvolver novos olhares, reconhecendo todos os sujeitos inseridos neste território e produzindo estudos de resistência (Maurício et al., 2021).

Lélia Gonzalez (2020), trazendo o conceito de Amefricanidade, contribui com as reflexões decoloniais ao contrapor a colonialidade, o racismo e o imperialismo. Em seu livro, “Por um feminismo afro-latino-americano”, a autora questiona a apropriação dos Estados Unidos à expressão “americanos”, como se a América fosse composta por este único país, e sugere o termo “amefricanos” para se referir a todos pertencentes às Américas e, assim, fortalecer a descendência africana trazida pela diáspora destes povos e os descendentes daqueles que chegaram a este continente muito antes da colonização.

Para Gomes e Elizalde (2012), o lazer na América Latina precisa deixar de ser apenas uma oposição ao trabalho, apesar de estar vinculado a este e outros diversos contextos. Os autores definem o lazer como “uma necessidade humana e dimensão da cultura caracterizada pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espço social” (Gomes; Elizalde, 2012, p. 82). Ao reconhecer o aspecto intercultural do lazer, é fortalecido um diálogo que se propõe a promover mudanças nas estruturas socio-históricas, não se limitando à inclusão de narrativas e práticas relacionadas a processos sociais (Walsh, 2019).

Esta concepção vai de encontro com a teoria difundida pelo francês Joffre

Dumazedier, que por muito tempo subsidiou as discussões sobre o lazer em todo o mundo. A dicotomia entre tempo de trabalho e tempo de descanso, associada ao contexto da Europa pós Revolução Industrial, reafirma a ideia da lógica evolutiva linear ocidental que demarca como aceita e única certas práticas, culturas, histórias e epistemologias originadas nos países hegemônicos (Dumazedier, 1976; Gomes, 2014). Para Maurício et al. (2021), estamos vivendo um momento de buscas por epistemologias alternativas, que nos possibilitam refletir sobre a realidade local, bem como observar os conhecimentos que nascem das lutas do nosso povo, reconhecendo as memórias, a cultura e a construção histórica das sociedades colonizadas.

Outras problemáticas que despontam acerca do lazer é a nomenclatura utilizada pelos países que pertencem a esse território e sua vinculação apenas com o conteúdo físico-esportivo (Gomes, 2018). Conforme Suarez (2009), há uma confusão conceitual em torno dos termos, em que os estudiosos acabam utilizando diferentes palavras para se referir ao lazer e, quando optam por uma palavra, nem sempre possuem o mesmo significado para outros autores. Nos países de língua espanhola são utilizados os termos *recreación*, *ocio* e *tiempo libre*, no entanto, nos últimos anos os estudiosos da área estão buscando a padronização com o termo *recreación*. Outra confusão no idioma espanhol é que na Espanha é utilizado o termo *ocio*. No Brasil, único país latino-americano de língua portuguesa, é utilizado o termo lazer.

Conforme Gomes (2018), é histórico na América Latina entrelaçar os estudos do lazer com as áreas de Educação Física e Ciências do Esporte, o que se torna um problema, visto que isso fortalece apenas os conteúdos físico-esportivos, negligenciando os outros componentes culturais do lazer. Além disso, há um impacto nas políticas públicas destes países, que acabam promovendo projetos de lazer associados apenas ao esporte. Evidentemente, o conteúdo físico-esportivo deve ser explorado nas políticas públicas, mas sem omitir ou ofuscar os demais conteúdos.

É inegável que os diferentes povos latino-americanos contribuíram para a pluralidade cultural na América Latina (Gomes; Elizalde, 2012), porém, como pontua Tavares (2020), os estudos do lazer demonstram apenas uma parte da história, a partir do ponto de vista dos colonizadores, ausentando a outra parte da história, produzida e vivenciada pelos excluídos e invisíveis. O autor ainda afirma que os estudos do lazer devem ter uma visão crítica sobre o local que está sendo investigado e deveriam avançar no sentido de reconhecer a diversidade cultural deste território, como dos povos indígenas e afrodescendentes. Esse apontamento é extremamente importante quando investigamos culturas e contextos diferentes e, para além

disso, para alcançar uma perspectiva decolonial nos estudos do lazer devemos nos tornar protagonistas deste saber.

Na área do lazer observamos que alguns estudos que tentaram investigar os povos indígenas utilizam de metodologias ou conceitos que não servem para aquela população, reduzindo, assim, a complexidade e a contribuição que esses povos poderiam fornecer (Pereira; Gomes; Castro, 2019; Pimentel et al., 2010). A maior parte da produção científica envolvendo lazer e povos indígenas brasileiros refere-se a políticas públicas na área do lazer e do esporte, em que, muitas vezes, não se tem a preocupação com o lazer propriamente dito. É preciso reconhecer e mudar este cenário de apagamento histórico sobre os povos originários nas diversas áreas do conhecimento.

Em contrapartida, podemos perceber um fortalecimento de mudança sobre os estudos do lazer. As revistas científicas estão tornando uma prioridade estudos que buscam se aprofundar nas relações étnico-raciais latino-americanas, como o Dossiê Lazer e Relações étnico-raciais, lançado em 2023, pela Revista Brasileira de Estudos do Lazer e a edição Relações étnico-raciais, de 2021, pela Revista Licere. Assim como, percebemos eventos e congressos colocando as relações étnico-raciais em destaque, como ocorrerá, em 2024, no VII Encontro Internacional Desporto e Lazer em África.

No que se refere ao cenário das revistas internacionais da área do lazer, embora possam retratar uma visão dominante de conhecimento, também podemos perceber um movimento de aproximação à visibilidade no assunto, como na iniciativa da *World Leisure Journal*, que disponibiliza um espaço para comentários que relacionam o lazer com o Sul Global em uma tentativa de descentralizar o conhecimento da área do lazer. Além disso, a revista *Leisure Studies* publicou, em 2023, uma edição especial denominada *Leisure, Inequalities and the Global South* com o objetivo de olhar para as experiências de lazer vivenciadas pelo Sul Global.

Marinho et al. (2024) fizeram uma revisão de literatura, na base de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), e evidenciaram que pessoas de grupos estigmatizados e discriminados, como negros e pardos, população LGBTQIA+, indivíduos com deficiência e em situação de pobreza, possuem possibilidades reduzidas de participar em atividades de lazer. Além disso, a escassez dos espaços de lazer e a violência aparecem como fatores que contribuem para o afastamento da prática de lazer.

Nesse mesmo sentido, Reis e Martins (2020), em um artigo sobre políticas públicas de lazer e a diversidade sexual no Brasil, relatam que a violência sofrida pelas travestis -

identidade social de resistência e luta em um contexto sociocultural latino-americano (Feliciano, 2023) - é o principal limitador de acesso ao lazer. No entanto, a rua, apesar de ser um espaço perigoso e inseguro para as travestis devido às violências sofridas, torna-se um espaço de sociabilidade, lazer e trabalho para essas pessoas que vivem marginalizadas e excluídas. Além disso, a falta de uma documentação correspondente a sua identidade de gênero não contribui para que esta população possa usufruir o lazer (Santos; Martinelli, 2019).

Diante do exposto, concordamos com Luiz e Marinho (2021) ao defenderem a urgência de novo modelo de civilização, capaz de contrapor todas as formas de dominação e valorizar os diferentes tipos de conhecimentos e culturas. Desse modo, Maurício et al. (2021) afirmam ser necessário alterar as lentes para entender as experiências destas populações, compreendendo a área do lazer a partir de uma perspectiva contra-hegemônica, valorizando o cotidiano de resistências. Por isso, consideramos pertinente desenvolver e enaltecer pesquisas que se proponham a investigar grupos invisibilizados em uma sociedade que ainda carrega a forte herança do colonialismo. Este que, culturalmente, enaltece o que vem de fora, enquanto busca apagar os saberes e as experiências advindos da nossa verdadeira ancestralidade, bem como reprimir os modos de ser, estar e re-existir no mundo.

No entanto, esta prática não é uma tarefa simples. Ao se fazer pesquisa no âmbito político e social, com um olhar epistemológico decolonial, a construção do conhecimento precisa ser feita com o outro e não sobre o outro. Isto é, envolver diretamente, nos processos de investigação, as pessoas que tradicionalmente são reconhecidas apenas como objetos de conhecimento (Gomes; Elizalde, 2012; Maurício et al., 2021). Esta desconstrução dos padrões epistemológicos (os quais nos são ensinados) torna-se necessária para que as pesquisas não reduzam a complexidade das manifestações culturais, no tempo/espaço social de populações, cujos saberes e experiências advêm de fontes que os paradigmas tradicionais intencionalmente não desejam compreender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A América Latina possui como relevantes características identidades e diversidades culturais, assim como as práticas de lazer em cada território e tentar conceituar o lazer a partir de uma perspectiva que ele possui uma história universal e única precisa ser questionado.

Enquanto povos colonizados, nosso conhecimento foi subjugado, construindo assim

uma admiração pelo conhecimento estrangeiro. Portanto, é importante voltarmos nossa atenção para os estudos decoloniais, enfatizamos a importância de dar visibilidade ao território e aos povos, que aqui viveram e vivem, legitimando seus saberes e experiências, especialmente na área do lazer e seu relevante papel no processo de transformação social.

Ainda há poucos estudos latino-americanos que se propõem a investigar o lazer com um olhar ampliado e crítico focando nos povos indígenas, afrodescendentes e vulneráveis. Os estudos encontrados, que investigam esses povos, em sua maioria, limitam-se às políticas públicas vinculadas ao esporte ou utilizam teorias eurocêntricas em suas investigações. Nesse sentido, novos estudos devem caminhar no sentido de, através dos estudos decoloniais, possam representar quem realmente somos na América Latina. Além disso, o lazer, como aspecto de nossa cultura, pode auxiliar na conexão das pessoas com seu território e, diante disso, promover reflexões e questionamentos do próprio contexto para, assim, poder transformá-lo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lourival. Transculturando a Amefricanidade de Lélia Gonzalez: decolonialidades em debate. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**, Pelotas, v. 9, n. 1, p. 301-315, 2021.

BUENO, Mariana Pimenta. Os percursos da democracia na América Latina: uma percepção através de “América Latina em seu labirinto: democracia e autoritarismo no século XXI” de Pereira da Silva. **Cadernos Prolam/USP**, São Paulo, v. 19, n. 35, p. 203-210, 2019.

BRANDALISE, Carla. O conceito de América Latina: hispano-americanos e a panlatinidade europeia. **Cuadernos del CILHA**, Mendoza, v.14, n. 1, p. 74-106, 2013.

CALDERÓN, Fernando; CASTELLS, Manuel. **A nova América Latina**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2021.

CALVAZARA, João Carlos. Onda rosa: nuances e interpretações na América Latina do século XXI. **Boletim Historiar**, Aracaju, v. 08, n. 02, p. 76-81, 2021.

CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe. **Os Povos Indígenas na América Latina**: avanços na última década e desafios pendentes para a garantia de seus direitos. Santiago: Organização das Nações Unidas, 2015. 124 p. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/server/api/core/bitstreams/674dfaa2-fe61-484a-a61f-390330e9174a/content>

DA SILVA, Mayana Hellen Nunes. Da crítica da América Latina à América Latina crítica: para uma genealogia do conhecimento a partir de Lélia González. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, v. 12, n. 40, p. 143-155, 2019.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FELICIANO, Kalynka Oliveira. Orgulho de ser travesti: a ressignificação da identidade social travesti como estratégia de resistência. **Caderno Humanidades em Perspectivas**, Curitiba, v. 7, n. 16, p. 120-137, 2023.

- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- GOMES, Christianne. Mapeamento histórico do lazer na América Latina: Em busca de novas abordagens para os estudos sobre o tema. In: ISAYAMA, Hélder F.; SILVA, Silvio R. (Org.). **Estudos do Lazer: um panorama**. Belo Horizonte: CELAR/UFMG, 2011.
- GOMES, Christianne; ELIZALDE, Rodrigo. **Horizontes latino-americanos do lazer/ Horizontes latinoamericanos del ocio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- GOMES, Christianne Luce; ELIZALDE, Rodrigo. Produção de conhecimentos sobre o lazer na América Latina: Desafios e perspectivas. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira; OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. (org.). **Produção de conhecimento em estudos do lazer: Paradoxos, limites e possibilidades**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 113-137.
- GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 03-20, 2014.
- GOMES, Christianne Luce. Estudos sobre a temática do lazer na América Latina: um panorama. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, n.7, p. 55-65, 2018.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.
- FARRET, Rafael Leporace; PINTO, Simone Rodrigues. América Latina: da construção do nome à consolidação da ideia. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, jul.-dez. 2011, p. 30-42, 2011.
- LUIZ, Maria Eduarda Tomaz; MARINHO, Alcyane. Lazer e direitos humanos no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 38-54, 2021.
- MARINHO, Alcyane *et al.* Leisure in Latin America. In: WALKER, Gordon J.; SCOTT, David; STODOLSKA, Monika. **Leisure Matters: The State and Future of Leisure Studies**. Venture Publishing, 4ª. Edição, 2024 (no prelo).
- MARTINS, Ana Amélia Lage; MARTELETO, Regina Maria. Cultura, ideologia e hegemonia: Antonio Gramsci e o campo de estudos da informação. **InCID - Revista de Ciência da Informação e Documentação**. Ribeirão Preto, v. 10, n. 1, p. 5-24, 2019.
- MAURÍCIO, Joise Simas de Souza et al. Lazer e a opção decolonial: diálogos teóricos e possibilidades de construções contra-hegemônicas. **Licere**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, 2021.
- MENEGUETTI, Francis Kanashiro. Documentos e debates: O que é um Ensaio-Teórico? **RAC**, Curitiba, v. 15, p. 320-332, 2011.
- PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis *et al.* Considerações sobre políticas de lazer e comunidades indígenas. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 2010, Atibaia. **Anais [...]** Atibaia: Lazer e hospitalidade, 2010. v. 1. p. 1-10.
- PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes; GOMES, Daniel Pinto; CASTRO, Simone Oliveira de. Práticas de lazer do povo indígena Tremembé. **Licere**, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, 2019.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Abya Yala, el descubrimiento de América. In: GIARRACCA, Norma *et al.* **Bicentenarios (otros): transiciones y resistências**. Buenos Aires: Una Ventana, 2011. 320 p.
- REIS, Danilo Augusto Santos; MARTINS, Alberto Meseque. Diversidade sexual e políticas públicas de lazer para as pessoas LGBTTI. **Licere**, Belo Horizonte, v. 23, n. 4, 2020.
- ROSA, Dayane de Freitas Colombo; DO AMARAL, Roseli Gall; MELO, José Joaquim Pereira. A construção histórica do conceito de América Latina. **Revista Percursos**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 23-43, 2020.
- SANTOS, Luciano dos. O Brasil como parte da América Latina: o projeto identitário-integracionista de Leopoldo Zea. **Temporalidades - Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 254-277, 2012.

SANTOS, Thais Felipe Silva dos; MARTINELLI, Maria Lúcia. A sociabilidade das pessoas travestis e transexuais na perícia social. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 134, p. 142-160, 2019.

SOUZA, Ailton de. América latina, conceito e identidade: algumas reflexões da história. **PRACS**, Macapá, v. 4, n.4, 2011.

SUAREZ, Silvana. Una aproximación a la representación social de la recreación en Argentina. In: GOMES, Christianne et al. **Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio e recreación en Latinoamérica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SUESS, Rodrigo Capelle; SILVA, Alcinéia de Souza. A perspectiva decolonial e a (re)leitura dos conceitos geográficos no ensino de geografia. **Geografia Ensino & Pesquisa**. Santa Maria, v. 23, n. 7, 2019.

TAVARES, José Fernando. Estudios latinoamericanos de ocio: América Latina como horizonte. **Licere**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, 2020.

QUENTAL, Pedro de Araújo. A latinidade do conceito de América Latina. **GEOgraphia**, Niterói, v. 14, n. 27, p. 46-75, 2013.

VALADÃO, Camila Costa. Política social na América Latina: tendências contemporâneas. **Argumentum**, Vitória, v. 11, n. 2, p. 151-162, 2019.